

Promovendo a Diversidade de Conhecimento:

Introdução a um Documento Vivo

Autores: Alan Colin-Arce (University of Victoria), Maggie Sardino (King's College London), Eduardo Muñoz Francisco (University of Guadalajara), Graham Jensen (University of Victoria), Caroline Winter (University of Victoria), Alyssa Arbuckle (Canadian Research Knowledge Network and Érudit Consortium), and Ray Siemens (University of Victoria)

Tradutores: Franco Guglielmoni (Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul) and Leonardo Schraiber Colato (Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul)

Nas discussões recentes sobre ciência aberta, há um foco cada vez maior não apenas em tornar os resultados da pesquisa mais acessíveis, mas também em garantir uma participação mais diversificada e equitativa na produção de conhecimento em termos de geografia, idioma e posicionalidade dos pesquisadores. Essa perspectiva busca aumentar e incentivar a diversidade de conhecimento, uma postura epistemológica que reconhece a legitimidade e o valor de uma ampla variedade de formas de conhecer, ao mesmo tempo em que desafia dinâmicas de poder que fazem com que algumas dessas formas sejam consideradas mais legítimas ou válidas do que outras. Trata-se de uma perspectiva alternativa e opositora àquela que tem dominado a academia ocidental (Rowell e Feldman), que afirma o valor intelectual do conhecimento localizado, culturalmente incorporado, coproduzido e enraizado na experiência vivida.

Esse desafio às noções ocidentais de produção de conhecimento tem sido abordado há décadas por pesquisadores do Sul Global em algumas áreas das humanidades, como a dos estudos indígenas, da história oral e do materialismo cultural nos estudos literários. Diversos projetos também têm contribuído para esses debates, desde iniciativas multinacionais de grande escala, como o SciELO e o Public Knowledge Project, até outras de escala mais local, como Crunk Feminist Collective, Black Beyond Data e Community Archives Lab, entre muitas outras. No entanto, essas discussões sobre quais conhecimentos são considerados válidos, quem tem o direito de produzir conhecimento e quais vozes são ouvidas estão agora se intensificando em várias áreas, incluindo na ciência política (Wilmer), na sociologia (Moosavi), nos estudos ambientais (Amano et al.), nos estudos de

mídia (Chakravartty et al.; Poell et al.) e, em particular, no campo da ciência aberta e da comunicação científica (Pinfield; Beigel; Eve e Gray).

Um momento importante na ciência aberta e na comunicação científica que destacou a importância da diversidade de conhecimento foi a publicação da Recomendação da UNESCO sobre Ciência Aberta em 2021. Esse documento definiu ciência aberta como "um construto inclusivo que combina vários movimentos e práticas com o objetivo de tornar o conhecimento científico abertamente disponível, acessível e reutilizável para todos [...] para abrir os processos de criação de conhecimento científico, avaliação e comunicação para atores sociais além da comunidade científica tradicional" (UNESCO 7). A ciência aberta também se baseia em vários pilares fundamentais relevantes para a diversidade de conhecimento, como o conhecimento científico aberto, infraestruturas de ciência aberta, comunicação científica, envolvimento aberto de atores sociais e diálogo aberto com outros sistemas de conhecimento (UNESCO). Por causa dessa preocupação crescente com o multilinguismo, das conexões com atores sociais e do diálogo com múltiplos sistemas de conhecimento, criamos este documento vivo para destacar fontes de pesquisa e iniciativas que abordam essas questões, as quais podem ser agrupadas sob a ideia de diversidade de conhecimento.

Barreiras que Impedem a Diversidade de Conhecimento

Os debates e projetos abordando a diversidade de conhecimento ocorrem em um contexto que reconhece cada vez mais que o conhecimento é mediado e influenciado por fatores socioculturais, como língua, tecnologia e identidade (Pinfield). Portanto, o conhecimento não é universal nem objetivo, características geralmente atribuídas ao saber ocidental. Em vez disso, o conhecimento está situado, o que significa que é influenciado pelas condições materiais e sociais da pessoa e das comunidades que o produzem. Como o conhecimento é situado historicamente e geograficamente, aumentar a diversidade das pessoas que contribuem para a sua geração pode colmatar lacunas existentes e aumentar nossa compreensão de diferentes tópicos, fornecendo novas ou diferentes perspectivas. Pesquisas até descobriram que a posição dos acadêmicos influencia o tema que estudam (Xiang et al.). No entanto, existem diversas barreiras que podem impedir uma participação mais diversificada e, por sua vez, reforçar hierarquias existentes que tendem a desvalorizar certos tipos de conhecimento (por exemplo, aqueles que não são disseminados em

inglês, desenvolvidos com atores sociais ou baseados em experiência vivida, lugar e relacionamentos).

A língua é uma das barreiras à participação na produção de conhecimento. O sistema atual de comunicação científica tende a valorizar a pesquisa e a literatura publicadas em inglês em detrimento de qualquer outro idioma. Quando o inglês é usado como a língua comum (língua franca) da pesquisa, isso pode criar barreiras para falantes não nativos, que descobrem que precisam gastar mais tempo realizando tarefas como ler literatura ou divulgar pesquisas (Amano et al.). Além disso, alguns conceitos e teorias que existem em idiomas específicos não podem ser transmitidos com precisão em inglês, a menos que sejam "domesticados", removendo ou apagando o contexto cultural e as visões de mundo do idioma original (Suzina). Por causa da importância da língua na transmissão de cultura e visões de mundo, o multilinguismo é um componente fundamental da diversidade de conhecimento.

As barreiras linguísticas à produção de conhecimento também tendem a seguir linhas geográficas. Vários países do Sul Global não têm o inglês como sua primeira ou oficial língua, mas as expectativas frequentemente implícitas nos critérios de titularidade e promoção consideram as publicações em inglês como mais importantes. Isso impõe um fardo aos pesquisadores desses países, como demonstrado em inúmeros casos em que uma pesquisa de alto nível realizada por um autor africano sobre um “assunto urgente para o continente africano foi rejeitada por uma revista do Norte Global porque os revisores e editores consideraram o tema fora do escopo de interesse deles” (Kaliuzhna et al. 2025, 13, tradução nossa).

Além das barreiras linguísticas, modos tradicionais de divulgação acadêmica podem introduzir obstáculos adicionais à diversidade de conhecimento. Por exemplo, alguns conhecimentos e pesquisas indígenas dependem de tradições orais, portanto, não podem ser facilmente compartilhados em formato escrito online ou em periódicos acadêmicos. Além disso, muitas comunidades indígenas possuem várias condições para compartilhar conhecimentos, razão pela qual projetos como o Traditional Knowledge Labels oferecem protocolos mais específicos para acessar e usar o patrimônio cultural que circula digitalmente fora das comunidades indígenas (Local Contexts, s.d.).

A pesquisa baseada na comunidade também enfrenta barreiras devido aos modos tradicionais de produção e difusão acadêmica. O jargão acadêmico reforça as diferenças de poder na pesquisa

comunitária (Banks et al.) e "atores de elite", como governos e pesquisadores, tendem a ter mais influência na definição do escopo e do processo de pesquisa (Turnhout et al.). Embora existam muitos casos de sucesso de pesquisa comunitária, alguns dos quais estão anotados neste documento, relações de poder desiguais continuam sendo questões que devem ser levadas em conta ao buscar construir conexões com comunidades fora do meio acadêmico.

Essas barreiras à produção de conhecimento contribuem para uma homogeneização das práticas de conhecimento, o que leva a uma definição restrita do que constitui um saber válido. Os apelos ao aumento da diversidade de conhecimento incentivam-nos a refletir sobre os tipos de conhecimentos e perspectivas excluídos ao priorizar somente aquilo que está em inglês e é publicado por acadêmicos. Aumentar a diversidade, em termos das comunidades e línguas que contribuem para o conhecimento, pode ajudar a revelar e enfrentar os nossos vieses, além de oferecer perspectivas alternativas em diversas áreas. Portanto, a diversidade de conhecimento é um tema com implicações além da comunicação científica ou mesmo do ensino superior em geral, pois também afeta a forma como o saber é colocado em prática.

Sobre a Revisão de Literatura

Neste contexto de discussões e mudanças sobre as políticas de produção do conhecimento, a revisão sobre diversidade de conhecimento, com suas mais de 100 anotações, é um documento vivo que busca apresentar aos leitores os conceitos, debates e iniciativas no campo da diversidade de conhecimento. O objetivo deste documento é detalhar os desafios históricos e atuais enfrentados pelas pessoas em sua capacidade de conhecer e destacar formas de saber que muitas vezes são consideradas como ilegítimas por falta de rigor ou valor intelectual de acordo com estruturas epistemológicas eurocêntricas que sistematicamente desvalorizam e rejeitam conhecimentos indígenas e pesquisas baseadas em comunidades ou publicadas em línguas diferentes do inglês.

Esta coleção foi elaborada não apenas para abordar conceitos essenciais relacionados à diversidade de conhecimento, mas também para refletir os valores e princípios incorporados a ela. A revisão inclui uma variedade de fontes, incluindo artigos acadêmicos tradicionais, postagens de blog, websites e vídeos. Os editores esforçaram-se para incluir trabalhos que não fossem fortemente dominadas por jargões ou termos técnicos. Fontes que são fundamentais para seus respectivos

campos e que empregam tal linguagem foram incluídas nesta revisão, e breves definições desses termos foram fornecidas na própria anotação ou na seção “Definições” de cada tema. As fontes selecionadas vêm de uma ampla gama de áreas, incluindo filosofia, estudos indígenas, ciência da informação e biblioteconomia, humanidades digitais e educação. Em vez de selecionar fontes de áreas específicas, escolhemos textos e projetos que abordam algum aspecto da diversidade de conhecimento, pois essa é uma preocupação crescente em diversas disciplinas e para além do ambiente das universidades.

Esta coleção é direcionada a ser um recurso para as audiências acadêmicas e não acadêmicas. Pode ser especialmente valiosa para bibliotecários, ativistas comunitários, autodidatas, educadores, pesquisadores não acadêmicos, ou qualquer pessoa que deseje engajar mais a sua pesquisa com a comunidade. Chamamos esta coleção de um documento vivo porque esses debates seguem em estado de desenvolvimento. Esse formato de publicação reconhece que alcançar a diversidade de conhecimento é uma luta contínua, não um processo finalizado. Também esperamos incentivar maior envolvimento com este texto convidando os leitores a contribuírem com anotações digitais e traduções, ou desenvolvendo versões adicionais com fontes atualizadas.

O documento vivo "Diversidade de Conhecimento" reúne uma ampla gama de tópicos conectados pelo compromisso com a valorização e o reconhecimento de diversas formas de saber. Os documentos selecionados estão divididos em cinco seções: Injustiça Epistêmica, Bibliodiversidade, Conhecimentos Indígenas, Conhecimento Comunitário e Pesquisa Conjunta e Passos para a Equidade do Conhecimento. Cada seção está dividida em três tópicos: Definições, Recursos e Iniciativas e Organizações. Para alguns temas específicos, o tópico "Recursos" foi dividido em subtópicos adicionais (por exemplo, o tópico "Recursos" de "Injustiça Epistêmica" foi dividido nos subtópicos "Conceitos Fundamentais" e "Injustiça Epistêmica em Diferentes Áreas de Estudo").

Esses cinco temas têm um longo histórico em abordar a diversidade de conhecimento, porém, nem sempre são considerados de forma conjunta ao destacar as conexões e tensões entre essas abordagens. Por exemplo, as discussões sobre bibliodiversidade geralmente são favoráveis às iniciativas de acesso aberto, enquanto os saberes indígenas são plurais e, como tal, consistem em diversas perspectivas e limitações quanto ao conhecimento que pode ser compartilhado fora da

comunidade. Dessa maneira, os materiais selecionados para cada tema demonstram a existência de múltiplas abordagens que contrastam entre si para alcançar a diversidade de conhecimento.

Visão Geral das Seções

A primeira seção, Injustiça Epistêmica, estabelece a base para compreender as várias formas pelas quais os sistemas e os detentores de conhecimento têm sido — e são — atualmente desconsiderados como não confiáveis devido a fatores preconceituosos. Em seu nível mais fundamental, as injustiças epistêmicas consistem nos danos causados a alguém em sua capacidade de conhecedor (Fricker, 2007). Com base no trabalho fundamental de Miranda Fricker, os artigos incluídos nessa seção exploram uma variedade de mecanismos pelos quais as comunidades são prejudicadas na sua capacidade de produzir e receber conhecimento. A seção aborda a injustiça epistêmica de múltiplas perspectivas, incluindo a da deficiência, trans*, interseccional e feminista. Também discute como a injustiça epistêmica pode se manifestar em diversos espaços, como na área das tecnologias de ciência de dados, na comunicação científica e nas mídias sociais.

A seção de Bibliodiversidade segue a de Injustiça Epistêmica para destacar uma variedade de estratégias e propostas para promover uma maior diversidade no ecossistema de publicação e comunicação científica. Essas estratégias buscam reconhecer um grupo mais diverso de autores como conhecedores legítimos. O termo "bibliodiversidade", amplamente considerado como originado de editoras independentes chilenas na década de 1990 (Hawthorne, 2014), aplica os conceitos centrais de biodiversidade ao mundo da publicação. No prefácio da primeira edição de Bibliodiversidade, Étienne Galliard (2011) descreve a bibliodiversidade como a capacidade da indústria editorial de produzir diversidade, especialmente em relação à diversidade de posturas epistemológicas (Hawthorne, 2014), idiomas e infraestruturas de publicação (Shearer et al. 2020). Autores que trabalham com bibliodiversidade criticam a hegemonia do inglês na comunicação científica (Beigel e Gallardo 2021; Rovelli 2021; Snijder 2022) por impedir a publicação de estudos sobre questões locais, promover a comercialização do conhecimento e excluir as contribuições de autores do Sul Global. Portanto, essa seção também examina estratégias, iniciativas e propostas que buscam maior bibliodiversidade, multilinguismo e métricas de avaliação de pesquisa mais robustas.

A seção de Conhecimentos Indígenas apresenta os princípios fundamentais dos sistemas de conhecimento indígenas, os problemas associados à forma como as tradições de conhecimento ocidentais têm caracterizado e tentado apagar esses saberes, bem como as metodologias de pesquisa indígenas. O tópico "Recursos" dessa seção foi dividido em duas partes: Conceitos Fundamentais e Métodos de Pesquisa Indígena. As discussões nessa seção vão além do processo de publicação e oferecem diferentes alternativas para a produção de conhecimento com base nos saberes indígenas. Nessa revisão, falamos de conhecimentos no plural para evitar homogeneizar conhecimentos e metodologias indígenas diversas, já que as definições e iniciativas discutidas nesta seção estão fundamentadas nas formas de conhecer de cada comunidade. Ao desenvolver essa seção, surgiram diferenças na terminologia de acordo com a localização geográfica e o tempo, o que representou um desafio fundamental. Após muitas discussões, nossa equipe decidiu usar, como padrão, a terminologia empregada pela fonte para representar com precisão o trabalho do autor. Isso significa que terminologias desatualizadas foram utilizadas em alguns trechos; esses termos foram colocados entre aspas na primeira utilização.

A seção de Conhecimento Comunitário e Pesquisa Colaborativa aborda reflexões sobre os valores subjacentes à pesquisa colaborativa, melhores práticas para projetos de pesquisa baseados em comunidade e os desafios históricos, sociais, políticos e econômicos de pesquisas que envolvem atores acadêmicos e "não acadêmicos". Ao combinar o trabalho teórico sobre pesquisa colaborativa com estudos de caso direcionados a projetos sobre o assunto, essa seção examina estratégias específicas para pesquisas baseadas na comunidade e pesquisas-ação participativas, situando-as em seu contexto social mais amplo.

A seção de Passos para Equidade do Conhecimento é explicitamente direcionada para a ação e foca em práticas que podem ser implementadas para promover a inclusão de diversas formas de conhecimento. Anotações descrevem abordagens práticas para desafiar as epistemologias dominantes e enfrentar vieses sistêmicos que excluem os conhecimentos de minorias em vários âmbitos. Exemplos dessas abordagens incluem a criação de espaços seguros para o trabalho de memória coletiva (Blanco Borelli e Sorzano 2021), refletir sobre a quem pertencem as ideias legitimadas por meio de citações (Mott e Cockayne 2017; Carlier et al. 2022) e destacar sistemas de conhecimento indígenas-africanos através de pedagogia digital crítica (Gonye e Moyo 2023). O tópico "Recursos" dessa seção foi dividido em três partes: Equidade de Conhecimento em

Galerias, Bibliotecas, Arquivos e Museus (GLAM — acrônimo do nome em inglês); Equidade de Conhecimento em Metodologia e Compartilhamento de Pesquisa; e Equidade de Conhecimento na Educação.

Essa ampla variedade de tópicos demonstra a complexidade de valorizar formas plurais de conhecimento e desafiar perspectivas epistemológicas eurocêntricas dentro e fora do ambiente acadêmico. As iniciativas destacadas na coleção para gerar conhecimento culturalmente integrado e/ou produzido em colaboração mostram que não existe uma forma universal, padronizada de saber, mas sim múltiplas formas de promover a compreensão. Embora esteja longe de ser uma extensa lista de iniciativas em diversidade de conhecimento, esta coleção busca inspirar os leitores a refletirem sobre suas percepções acerca de quais conhecimentos são relevantes e incentivar ações para enfrentar injustiças epistêmicas, promover a equidade de conhecimento e repensar quem são considerados conhecedores legítimos.

Referências

- Amano, Tatsuya, Valeria Ramírez-Castañeda, Violeta Berdejo-Espinola, et al. 2023. “The Manifold Costs of Being a Non-Native English Speaker in Science.” *PLOS Biology* 21 (7): e3002184. <https://doi.org/10.1371/journal.pbio.3002184>.
- Banks, Sarah, Andrea Armstrong, Mark Booth, Greg Brown, Kathleen Carter, Maurice Clarkson, Lynne Corner, et al. 2014. “Using Co-Inquiry to Study Co-Inquiry: Community-University Perspectives on Research.” *Journal of Community Engagement and Scholarship* 7 (1): 37–47. <https://doi.org/10.54656/GRXT3521>
- Beigel, Fernanda. 2024. “Cartographies for an Inclusive Open Science.” Preprint, SciELO Preprints, 31 out. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.10286>.
- Beigel, Fernanda, e Osvaldo Gallardo. 2021. “Productividad, bibliodiversidad y bilingüismo en un corpus completo de producciones científicas.” *Revista Iberoamericana de Ciencia, Tecnología y Sociedad - CTS* 16 (46): 41–71. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=92468651003>.

- Blanco Borelli, Melissa, e Olga Lucía Sorzano. 2021. “Performance Practices and the Conflict of Memory in Colombia: Working Towards a ‘Decolonial’ Digital Archive and Epistemological Justice.” *Contemporary Theatre Review* 31 (1–2): 172–90.
<https://doi.org/10.1080/10486801.2021.1878511>.
- Carlier, Aurélie, Hang Nguyen, Lidwien Hollanders, Nicole Basaraba, Sally Wyatt e Sharon Anyango. 2022. “UM Citation Guide: A Guide by FEM”
<https://www.maastrichtuniversity.nl/about-um/diversity-inclusivity/related-organisations/female-empowerment/publications-resources#:~:text=%C2%A0Download%20the-,Citation%20Guide,-FEM%20Year%20Report>.
- Chakravartty, Paula, Rachel Kuo, Victoria Grubbs, e Charlton McIlwain. 2018. “#CommunicationSoWhite.” *Journal of Communication* 68 (2): 254–66.
<https://doi.org/10.1093/joc/jqy003>.
- Eve, Martin Paul, e Jonathan Gray, eds. 2020. *Reassembling Scholarly Communications: Histories, Infrastructures, and Global Politics of Open Access*. The MIT Press.
- Fricke, Miranda. 2007. *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing*. Epistemic Injustice. Oxford University Press.
<https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198237907.001.0001>.
- Galliand, Étienne, ed. 2011. “Bibliodiversity Indicators.” *Bibliodiversity*, n. 1 (jan), 1–106.
https://www.alliance-editeurs.org/IMG/pdf/Bibliodiversity_Indicators.pdf
- Gonye, Jairos, e Nathan Moyo. 2023. “Critical Digital Pedagogy and Indigenous Knowledges: Harnessing Technologies for Decoloniality in Higher Education Institutions of the Global South.” *Critical Digital Pedagogy in Higher Education*, 133–50. Athabasca University Press. <https://doi.org/10.15215/aupress/9781778290015.009>.
- Hawthorne, Susan. 2014. *Bibliodiversity A Manifesto for Independent Publishing*. North Melbourne, Victoria: Spinifex Press.

- Kaliuzhna, Nataliia, Zeynep Aydin, Paul Müller, e Christian Hauschke. 2025. ‘Hurdles to Open Access Publishing Faced by Authors: A Scoping Literature Review from 2004 to 2023’. *Royal Society Open Science* 12 (8): 250257. <https://doi.org/10.1098/rsos.250257>.
- “Local Contexts – Grounding Indigenous Rights.” s.d. Acesso em 18 jul. 2022. <https://localcontexts.org/>.
- Moosavi, Leon. 2020. “The Decolonial Bandwagon and the Dangers of Intellectual Decolonisation.” *International Review of Sociology* 30 (2): 332–54. <https://doi.org/10.1080/03906701.2020.1776919>.
- Mott, Carrie, e Daniel Cockayne. 2017. “Citation Matters: Mobilizing the Politics of Citation toward a Practice of ‘Conscientious Engagement.’” *Gender, Place & Culture* 24 (7): 954–73. <https://doi.org/10.1080/0966369X.2017.1339022>.
- Pinfield, Stephen. 2024. *Achieving Global Open Access: The Need for Scientific, Epistemic and Participatory Openness*. 1ª ed. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781032679259>.
- Poell, Thomas, Brooke Erin Duffy, David B. Nieborg, et al. 2024. “Global Perspectives on Platforms and Cultural Production.” *International Journal of Cultural Studies*, 1–18. <https://doi.org/10.1177/13678779241292736>.
- “Public Knowledge Project.” s.d. Public Knowledge Project. Acesso em: 11 jul. 2024. <https://pkp.sfu.ca/>.
- Rovelli, Laura. 2021. “Herramienta 2: para promover la bibliodiversidad y defender el multilingüismo.” CLACSO (blog). 10 nov. 2021. <https://www.clacso.org/herramienta-2-para-promover-la-bibliodiversidad-y-defender-el-multilinguismo/>.
- Rowell, Lonnie, e Allan Feldman. 2019. “Knowledge Democracy and Action Research.” *Educational Action Research* 27 (1): 1–6. <https://doi.org/10.1080/09650792.2019.1557456>.
- “SciELO.Org.” s.d. Acesso em: 11 jul. 2024. <https://scielo.org/es/>.
- Shearer, Kathleen, Leslie Chan, Iryna Kuchma, e Pierre Mounier. 2020. “Fostering Bibliodiversity in Scholarly Communications: A Call for Action!” *Copyright, Fair Use, Scholarly Communication, Etc.* <https://digitalcommons.unl.edu/scholcom/152>.

- Snijder, Ronald. 2022. “Big in Japan, Zimbabwe or Brazil – Global Reach and National Preferences for Open Access Books.” *Insights* 35. <https://doi.org/10.1629/uksg.580>.
- Suzina, Ana Cristina. 2021. “English as Lingua Franca. Or the Sterilisation of Scientific Work.” *Media, Culture & Society* 43 (1): 171–79. <https://doi.org/10.1177/0163443720957906>.
- Turnhout, Esther, Tamara Metz, Carina Wyborn, Nicole Klenk, e Elena Louder. 2020. “The Politics of Co-Production: Participation, Power, and Transformation.” *Current Opinion in Environmental Sustainability*, Advancing the science of actionable knowledge for sustainability, 42 (fev): 15–21. <https://doi.org/10.1016/j.cosust.2019.11.009>.
- UNESCO. 2021. *UNESCO Recommendation on Open Science*. UNESCO. <https://doi.org/10.54677/MNMMH8546>.
- Xiang, Sidney, Daniel Romero, e Misha Teplitskiy. 2025. “Research Topic Choice: Motivations, Strategies, and Consequences.” *Quantitative Science Studies*, 1–29. https://doi.org/10.1162/qss_a_00365.
- Wilmer, Franke. 2016. “Indigenizing Political Science or Decolonizing Political Scientists?” *Perspectives on Politics* 14 (4): 1050–51. <https://doi.org/10.1017/S1537592716002966>.